



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

O Intertexto Bíblico na Construção de *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em **Linguística** da Universidade Eduardo Mondlane

Maurício António Pantie

Maputo, 2002

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	29167
DATA	2 Outubro/02
AQUISIÇÃO	capta
COTA	LT-109

82.0
P197i

**O INTERTEXTO BÍBLICO NA CONSTRUÇÃO DE SUEMA OU A
PEQUENA ESCRAVA ENTERRADA VIVA**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em **Linguística** da Universidade Eduardo Mondlane por **Maurício António Pantie**

Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: **dr. Almiro Lobo**

Maputo, 2002

O Júri:			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
			23/07/2002

Dedicatória

À memória
da Cecília José Pantie
(minha falecida irmã)

Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível graças ao estímulo e apoio a mim prestados por várias pessoas a quem devo agradecer.

Assim, quero manifestar, em primeiro lugar, a minha gratidão à Profª. Doutora Fátima Mendonça, minha ex-supervisora, pelas ideias iniciais que deram origem a este trabalho.

O meu agradecimento ao dr. Almiro Lobo, meu actual supervisor, por ter acreditado e confiado em mim, pela disponibilização do material bibliográfico, pela crítica construtiva, pelas sugestões, pelo rigor linguístico na análise feita ao conteúdo do trabalho nos seus diferentes estágios.

À Engª Anabela Massinga, minha cunhada, pelo inestimável apoio, moral e material, desde que ingressei na faculdade.

Aos meus pais, irmãos, namorada e demais familiares pela eterna solidariedade.

Por fim, quero expressar a minha gratidão aos meus outros professores, aos meus colegas do curso de Linguística do ano lectivo de 1996/97 e a todos os meus amigos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA	1
1.2. PROBLEMA E HIPÓTESE DE ESTUDO.....	3
1.3. MOTIVAÇÃO, OBJECTIVO E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO.....	4
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	5
3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DE <i>SUEMA OU A PEQUENA</i> <i>ES CRAVA ENTERRADA VIVA</i>	10
4. INTERTEXTO BÍBLICO NA CONSTRUÇÃO DE <i>SUEMA OU A PEQUENA</i> <i>ES CRAVA ENTERRADA VIVA</i>	13
4.1. RELAÇÃO ENTRE <i>SUEMA OU A PEQUENA ES CRAVA ENTERRADA VIVA</i> E OUTRAS NARRATIVAS AFINS.....	21
4.2. O PAPEL DA BÍBLIA NA EXPANSÃO EUROPEIA.....	23
5. CONCLUSÕES.....	27
6. BIBLIOGRAFIA.....	29

ANEXO

Planho de
3. In/prints Met.?

fonte: bibliografic

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva conta-nos a história de uma criança (*Suema*) que foi vendida à escravatura como pagamento de uma dívida contraída pela mãe. Esta, só, não querendo separar-se da filha, implora ao comprador da filha para levá-la consigo. Mas angustiada e moribunda com a sua nova situação, resultante da morte do seu marido e dos outros filhos e da condição de escravas em que se encontravam (mãe e filha) e já sem forças para continuar a andar, a senhora é deixada para morrer no percurso da caravana e, os abutres fizeram o resto. Por ter visto a sua mãe ser devorada pelos abutres, *Suema* entra em luta constante com os seus transportadores (outros escravos), provocando muitos embaraços ao chefe da caravana o que culminou com a decisão deste de mandar enterrá-la viva, depois de embrulhada e amarrada numa esteira, para ter uma morte sofrida. A história termina com a salvação da morte, de *Suema* (por um caçador de lobos que ouviu os seus abafados gritos) e sua conversão ao Cristianismo.

Depois da leitura do texto, ressalta à vista de qualquer um o carácter dialógico que se estabelece com a Bíblia, daí a nossa escolha do tema: "O Intertexto Bíblico na Construção de *Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva*".

Segundo dados em nosso poder, o registo das memórias de *Suema*, em Cinyungwe e a tradução de metade do texto foram feitos pelo missionário jesuíta suíço de nome Víctor Curtois, em 1890 e a outra metade (concluída em 10 de Agosto de 1936) por um indivíduo de nome José Baltazar da Costa.

Este trabalho tem em vista analisar os procedimentos técnico-literários relacionados com a escrita autobiográfica e a intertextualidade bíblica e não só, em

def. { *Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva*, procedimentos esses que, esperamos que venham, a contribuir para fazer desta narrativa (apesar de pouco conhecida), uma obra singular no panorama literário moçambicano.

def. { O objectivo desta pesquisa é mostrar como é que se articulam estes procedimentos técnico-literários e as circunstâncias em que se projecta a figura de *Suema* (personagem) na história.

Tendo em conta o objectivo traçado, operaremos, no decorrer do trabalho, com os conceitos de **escrita autobiográfica** ou **autobiografia**, **intertexto**, **intertextualidade** e **memórias**. Este trabalho é composto por cinco capítulos.

O primeiro capítulo é uma introdução onde se faz a delimitação do tema, apresentam-se os objectivos e importância do estudo, indica-se o problema, a hipótese e a motivação. O segundo capítulo refere-se à revisão bibliográfica, onde se faz menção aos conceitos teóricos fundamentais para o trabalho. No terceiro capítulo, faz-se um enquadramento histórico-literário da obra em questão. No quarto capítulo faz-se a interpretação do intertexto em *Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva*, nomeadamente do bíblico e de outros intertextos existentes na obra, da doutrina cristã que preside o desenrolar da história e, no quinto capítulo apresentam-se as conclusões do estudo.

1.2. PROBLEMA E HIPÓTESE DE ESTUDO

Ao entrarmos em contacto com *Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva*, detectamos, à primeira vista, o seu cariz autobiográfico. Depois de o lermos, entendêmo-lo como constituinte de um género a tomar em consideração para a compreensão do surgimento de uma escrita literária em Moçambique, o dos relatos biográficos e autobiográficos reais, produzidos em contexto de escravatura, num quadro ideológico marcado por pressupostos iluministas e por acções filantrópicas cristãs (baseados na Bíblia) de apadrinhamento cuja origem é idêntica à do espírito que presidiu à Emergência nos EUA das autobiografias de ex-escravos¹.

Em todo o exercício de leitura da narrativa, verificámos que a parte mais significativa da história, que vai desde à salvação até à sua conversão ao Cristianismo, é orientada por certas linhas de força. Isto leva-nos a formular a seguinte pergunta inicial (problema):

Que princípios de humanidade demonstra *Suema* no cruzamento do seu destino com a escravatura?

A análise do texto far-se-á segundo a seguinte hipótese:

Em *Suema*, a condição humana é presidida por princípios instrutivos do Cristianismo, que vão ter implicações na regulação da sua personalidade na história.

¹ Cf. Mendonça, Fátima- *Identidade(s) Literária(s) e Cânone : biografias e autobiografias*. Estudos Moçambicanos nº 16. UEM-CEA. Maputo. 1999. p. 111

1.3. MOTIVAÇÃO, OBJECTIVO E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

loc. esp. sh. Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva, segundo informações em nosso poder, produzida nos finais do séc. XIX (1890), surgiu num contexto histórico-literário ainda pouco conhecido ou estudado e não divulgado, pelo menos aqui em Moçambique. Da leitura que se fez da obra, constatou-se que é uma narrativa de uma escrava e é de cariz autobiográfico.

Com este trabalho pretendemos analisar os procedimentos técnico-literários usados em *Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva* para a projecção da sua protagonista.

g. t. d. m. O que, fundamentalmente, nos motivou é o carácter exemplar da obra, decorrente do diálogo que ela estabelece com outros textos (anteriores e posteriores) tais como a Bíblia Sagrada, algumas narrativas americanas de escravos e um outro texto da literatura moçambicana, com o mesmo cariz.

obj. À luz desse diálogo, ficamos ansiosos em saber a significação histórica de *Suema ou a Pequena Escrava enterrada Viva*, a relação que existe entre ela e os outros textos mencionados, esperando contribuir para o aprofundamento de estudos sobre narrativas de escravos e também para a história literária em Moçambique.

Para concretizar o objectivo a que nos propusemos cumprir, ou seja, examinar o discurso do texto em análise, faremos com base nos conceitos de autobiografia intertextualidade e intertexto, analisados em vários autores.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O presente estudo relaciona-se com a escrita autobiográfica. Apresentaremos, neste capítulo, conceitos técnicos com que iremos funcionar na análise dos dados. Desta maneira, operaremos com os conceitos de **autobiografia**, **intertextualidade** e **memórias**.

O texto que será objecto de análise neste estudo é uma autobiografia e, socorrendo-nos do seu conceito tradicional, diríamos que “é a descrição da vida de um indivíduo notável quando feita pelo próprio”².

Mas o texto em questão não é um retrato da vida inteira de uma pessoa nem de grande parte da sua vida, muito pelo contrário, é sim a descrição da sua juventude, que é muito significativa pela natureza dos factos narrados, ou seja, pela imagem que a obra dá, pelo exemplo exemplar, diríamos até, pela heroicidade, pela surpreendente conversão ao Cristianismo da sua protagonista, depois de ter passado por temerosas situações. Todavia, é ponto assente que se trata de um texto do género histórico, que “é uma variedade do género narrativo e compreende todas as composições que tratam dos acontecimentos notáveis da humanidade em épocas passadas”³.

Reis e Lopes ⁴citando Starobinski (1970:257) consideram a autobiografia como sendo “a biografia de uma pessoa feita por ela própria”, ou citando Lejeune (1975:14) dizem que “é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tónica na sua vida individual, em particular na história da sua personalidade”.

² Cf. Figueiredo e Ferreira. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. 11ªed., Porto. Porto Editora. 1980. p.142

³ Cf. Op.cit. p.141

⁴ Cf. *Dicionário de Narratologia*. 2ªed.,Coimbra. Almedina. 1990. pp.32-33

Nas definições dos autores acima citados por Reis e Lopes é possível identificar a centralidade do sujeito da enunciação que se identifica com o sujeito do enunciado e com o autor civilmente responsável pela publicação da autobiografia; o pacto referencial, que institui a representação de um percurso biográfico factualmente verificável; a acentuação da experiência vivencial detida por esse narrador que, perfilhando uma situação expressa ou camufladamente autodiegética, projecta essa experiência na dinâmica da narrativa; o teor quase sempre exemplar dos acontecimentos relatados, concebidos pelo autor como experiências merecedoras de atenção.

Seguindo as reflexões de Lejeune (1975:26 ss.), Reis e Lopes ⁵observam que “a classificação de uma narrativa como autobiografia releva de um **pacto autobiográfico** implícita ou explicitamente estabelecido, segundo o qual se observa a relação de identidade entre autor, narrador e personagem”.

Vamos fugir provisoriamente da conceitualização da autobiografia para falarmos da escrita autobiográfica.

Como anteriormente referimos, a autobiografia é um subgénero do género histórico e como tal, “ a escrita constitui, em princípio, uma instância inderrogável; ela é solicitada pela intenção de fixar e/ou legar à posteridade experiências de vida, testemunhos históricos, vivências marcantes”⁶, ou seja, memórias. E estas⁷ são um esboço biográfico ou autobiográfico, um registo de factos e eventos ligados ao sujeito ou indivíduo, um comentário de uma vida, de tempos e experiências. Um autor de memórias geralmente focaliza a sua atenção a personalidades e eventos conhecidos ou experimentados pelo escritor.

⁵ Cf. *Dicionário de Narratologia*. p.33

⁶ Cf. Reis e Lopes, Op. cit. p.128

⁷ Cf. Harry Shaw. *Dictionary of Literary Terms*. New York. McGraw-Hill Book Company. 1905.p.234

E retomando a conceitualização da autobiografia, pode-se destacar um outro elemento importante que é **retrospecção**. Em relação a este aspecto, Reis e Lopes⁸, citando Butor (1969:77) salientam que “ a narrativa será apresentada sob forma de memórias”. E acrescentam que neste contexto, falar em distância é não só implicar na narração autobiográfica a distância temporal, mas também outras distâncias (afectiva, ética, ideológica, etc) que fazem do sujeito da enunciação (“eu-narrador”) uma entidade diversa do protagonista (“eu-personagem”) que no passado foi.

Outro aspecto que tem a ver com este estudo é o conceito de dialogismo textual cujo mentor foi Bakhtine e, fundamentando-se nos estudos deste, mais tarde, Julia Kristeva cunhou o termo **intertextualidade**, relacionado com o de dialogismo textual já referido. Pode-se considerar que aquele conceito teve uma fortuna excepcional em termos de estudo, na teoria e na crítica literárias contemporâneas, tendo sido discutido por vários seguidores, tais como Carlos Reis, Kibédi Varga, Ducrot e Todorov, Aguiar e Silva, entre outros.

Para Reis⁹, citando Kristeva (1969:113) a intertextualidade “ corresponde a um processo de absorção e transformação mais ou menos radical de múltiplos textos que se projectam (prolongados ou rejeitados) na superfície de um texto literário particular”.

Ao discutir este conceito, Varga¹⁰ citando Greimas e Courtés diz que “ a obra de arte não é só criada a partir da visão do artista mas sim a partir de outras obras”.

Já Ducrot e Todorov¹¹, citando Kristeva (1969), afirmam que “ todo o texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos”.

⁸ Cf. Op. cit., p.34

⁹ Cf. *Técnicas de Análise Textual*. 3ªed. Coimbra. Almedina. 1981. p.128

¹⁰ Cf. Kibédi Varga. *Teoria da Literatura*. Lisboa. Editorial Presença. 1981. p.173

¹¹ Cf. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1982. p.422

Finalmente, Aguiar e Silva ¹² é o único dos autores citados que ao falar de dialogismo textual e citando Bakhtine (1977:197-229), nos proporciona uma discussão e descrição exaustiva deste conceito. Aguiar e Silva, começa por dizer que “ todo o texto verbal, apresenta como dimensão constitutiva múltiplas relações dialógicas com outros textos”. O autor acrescenta que “ o texto é sempre sob modalidades várias, um intercâmbio discursivo, uma tessitura polifônica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam, outros textos, outras vozes e outras consciências”.

Posteriormente, o mesmo autor, citando Kristeva (1969) define a **intertextualidade** como “ a interacção semiótica de um texto com outro(s) texto(s)” e define, desta maneira, o **intertexto** como sendo “ o texto ou o corpus de textos com os quais aquele texto mantém aquele tipo de interacção”. Ou seja, o texto ou os textos com os quais um determinado texto mantém uma relação dialógica, intertextual, é/são chamado(s) intertexto(s) daquele(s) mesmo(s) texto(s).

A ilação que se pode tirar destas definições é, segundo Bakhtine (1979:87) citado por Reis e Lopes¹³, que a intertextualidade constitui, antes de mais, uma propensão inerente a todo o acto discursivo, é a tendência natural de todo o discursivo vivo. Em todos os seus caminhos para o objecto, em todas as direcções, o discurso encontra-se com o discurso alheio e não pode deixar de entrar com ele numa viva interacção plena de tensões. Ou seja, nenhum texto, seja ele qual for, nasce do nada. Todos os textos são o resultado de um diálogo com outros textos, de um intercâmbio discursivo entre outros textos.

¹² Cf. *Teoria da Literatura*. 6ªed. Coimbra. Almedina. 1984. pp.624-625

¹³ Cf. *Dicionário de Narratologia*, p. 95



Tirando algumas nuances, como as funções corroboradora ou contestatória (que só são referidas por Reis e Aguiar e Silva), todos os autores citados convergem no essencial da discussão sobre intertextualidade.

Mas Aguiar e Silva ¹⁴vai mais longe, ao classificar a intertextualidade (em função da natureza do intertexto) como “exoliterária” ou “endoliterária”. Verificando-se intertextualidade exoliterária “quando o intertexto é constituído quer por textos não verbais, quer por textos verbais não literários” e a endoliterária “quando o intertexto é constituído por textos literários”.

As distinções de Aguiar e Silva ¹⁵não param por aqui. Ele acrescenta que a intertextualidade pode ser “hetero-autoral” ou “homo-autoral”. É hetero-autoral “quando é formada pelo diálogo de vários textos, de várias vozes e consciências” e é homo-autoral “quando textos de um mesmo autor podem manter relações intertextuais, numa espécie de auto-imitação marcada tanto pela circularidade narcisista como pela alteridade (ao auto-imitar-se, ao auto-citar-se, o autor espelha-se a si mesmo e é, no entanto, já outro)”.

¹⁴ Cf. *Teoria da Literatura*, pp.629-630

¹⁵ Cf. *Op. cit.*, p.630

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DE *SUEMA OU A PEQUENA ESCRAVA ENTERRADA VIVA*

O fenómeno literário pode apresentar-se de maneira semelhante em espaços geográficos diferentes, sendo, amiúde, motivado por factores extra-literários que podem ser históricos, culturais, etc.

Segundo Mendonça¹⁶, não constitui hoje espanto que literaturas antigas como a alemã, a inglesa, a francesa, ou a portuguesa integrem no seu sistema e na sua história textos que, no momento da sua produção, não manifestavam intenção estética e que hoje são percebidos como monumentos literários. Sucedem-se nessas literaturas, géneros como relatos de factos históricos, narrativas de viagens, reflexões filosóficas, sermões ou cartas, cujo ponto de partida foi uma intenção pragmática a que o tempo e o distanciamento permitiram uma leitura estética e que as gerações posteriores sentiram necessário integrar no corpus literário nacional, como forma de reiterar uma dada identidade. No caso moçambicano, trata-se de *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, uma narrativa de escravos pouco conhecida nas lides literárias da praça.

Não sabemos se se pode dizer que *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* faz parte da literatura com as semelhanças aludidas no início deste capítulo porque a data de registo do texto original, em Cinyungwe, é 1890 (a versão original foi registada em 1890 mas a sua tradução para o Português só terminou em 1936) e se se produzia alguma literatura em Moçambique naquela altura só se pode enquadrar na fase embrionária e dispersa (finais do séc.XIX e princípios do XX) e, o autor mais representativo desta fase foi Campos Oliveira. E, ainda, dados em nossa posse¹⁷ (do texto em análise neste trabalho, que também aparece em Francês com o título *HISTOIRE D'UNE PETITE*

¹⁶ Cf. *Identidade(s) Literária(s) e Cânone: biografias e autobiografias*, p. 106

ESCLAVE ENTERRÉE VIVANTE, OU L'AMOUR FILIAL) indicam que *Suema*, a protagonista da história disse ter cerca de dez anos quando a sua história foi registada e cerca de vinte em 1875, calculando-se que tenha sido registado em 1865; o que nos afasta ainda mais do período da literatura moçambicana com carácter sistemático que de acordo com Mendonça¹⁸, só começa e se distribui em 1925/45, 1945-47/1964 e 1964-75, como primeiro, segundo e terceiro períodos, respectivamente.

Escrito em finais do século XIX, com temática pouco frequente ou praticamente inexistente na literatura moçambicana de então ou portuguesa feita em Moçambique, encontramos semelhanças entre *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* e outros textos da literatura americana (a explicar mais tarde).

As correntes histórico-literárias que acompanham o desenrolar de *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* são o Pan-africanismo (em termos ideológicos), o Realismo e também o Romantismo. Senão vejamos: a história de *Suema* passou-se num período em que vigorava o Pan-africanismo¹⁹, um movimento racial, cultural que surgiu primeiro nos EUA expandindo-se depois para a Europa e a África de língua inglesa, para, finalmente, atingir a Europa e a África de língua francesa. Apareceu como consequência das Luzes e do Romantismo que levaram à abolição da escravatura, à identificação da real composição do mosaico cultural de raiz popular, à possibilidade de, após a Revolução Francesa, os povos supostamente poderem assumir a liberdade e a igualdade e se poderem pronunciar na ocorrência do reconhecimento da liberdade como alvará de igualdade cultural e social de todos os grupos sociais.

¹⁷ Cf. Alpers, Edwards. *The Story of Swema: Female Vulnerability in Nineteenth-Century East Africa*, in Robertson & Klein. *Women and Slavery in Africa*. 1983. p. 189

¹⁸ Cf. Mendonça, Fátima. *Literatura Moçambicana: a história e as escritas*. Maputo. Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane. 1980. pp. 34-44

¹⁹ Laranjeira, Pires. *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto. Edições Afrontamento. 1995. pp. 49-51

A relação que se pode estabelecer entre *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* e as antinomias românticas tem a ver com o facto de, tal como o Romantismo²⁰, *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, não poder ser apreendido numa definição ou numa fórmula. A sua natureza é intrinsecamente contraditória, aparece constituída por atitudes e movimentos antitéticos, difilmente se cristaliza num principio ou numa solução únicos e incontroversos.

Analisemos brevemente algumas das mais importantes contradições do Romantismo: a arte romântica²¹ manifesta com frequência o gosto pelo fantástico (...) deforma as proporções e as relações verificáveis na realidade; mas revela-se também, com frequência, como uma arte atenta ao real subjectivo e objectivo, procura pintar o homem e o mundo com autenticidade, demonstra muitas vezes uma forte capacidade descritiva da natureza física, quer dizer, é uma arte visionária, mas é também uma arte realista; a valorização do inconsciente, da intuição e das faculdades místicas (onde se integra a revivescência do ideal religioso), constitui um aspecto importante do Romantismo.

E, *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* pode ser um belo exemplo desta antinomia, na medida que faz o retrato de um problema real (ao contar uma história objectiva) e ao valorizar o ideal religioso, as faculdades místicas, ou seja, a história e os motivos da sua conversão ao Cristianismo, misturando o real e o romântico, respectivamente.

²⁰ Aguiar e Silva. Op. cit., p. 557

²¹ Cf. Op. cit., p. 558

4. INTERTEXTO BÍBLICO NA CONSTRUÇÃO DE *SUEMA OU A PEQUENA ESCRAVA ENTERRADA VIVA*

Vamos recordar os conceitos de **intertextualidade** e **intertexto** já definidos em 2. A intertextualidade é um conceito segundo o qual, todo o texto verbal apresenta como dimensão constitutiva múltiplas relações dialógicas com outros textos, ou seja, o texto é sempre sob modalidades várias, um intercâmbio discursivo, uma tessitura polifônica na qual se confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam, outros textos, outras vozes e outras consciências. E o intertexto é o texto ou o corpus de textos com os quais um determinado texto mantém aquele tipo de interação.

Qualquer leitor deste trabalho poderá questionar a razão do título deste capítulo ser também o tema do trabalho. Nós responderíamos dizendo que a presença da Bíblia é muito significativa no texto em análise, não pelo volume dos acontecimentos mas pelo valor que ela tem na história. Ora veja-se:

“Depoi este novo árabe disse: com esta escrava perdi muito, (...) amarrem na esteira essa escrava que está a morrer e vão enterrá-la. Escusado de lhe dar mais comida porque já não está viva (...) Senti atirarem-me areia e logo senti que estavam a enterrarem-me viva”. (Cf. *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*²², p. 18)

Um inocente tem um grande sofrimento, é pessoalmente ultrajado, deixado à beira da morte e enterrado, levanta-se da sepultura para assumir uma nova vida pela redenção e baptismo.

É de salientar que apesar dos seus esforços e gritos, debatendo-se para sair da esteira em que esteve amarrada na sepultura, *Suema* nada conseguiu senão o conformismo:

“Devido a minha triste sorte limitei a calar-me!” (S., p.19)

²². Daqui em diante usaremos S., para nos referirmos a *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*

Mas a fé e a esperança de *Suema* demonstradas mesmo em condições extremamente difíceis e desesperantes:

“Repentinamente, em redor de mim as árvores mexeram. Então esperava a minha salvação” (S., p. 19)

Levam-nos a pensar na existência dum poder ou ser sobrenatural que acompanha ou socorre todo o ser humano de situações aflitivas, uma espécie de anjo da guarda o que nos pode conduzir à religiosidade intrínseca a cada um. Pensamos ter sido esse poder ou ser que salvou *Suema*:

“De repente um grupo de lobos sacudiram-me, uivando. O meu sangue estava seco com o medo (...). Até que começaram a desenterrar-me a parte dos meus pés e morderem-me. Eu gritei, a ponto de perder os sentidos. Quando levantei vi que estava no quartito branco, que nunca vi na minha vida (...). Duas pessoas brancas as quais nunca também vi, estavam assentadas na minha cabeceira (...). Eram mulheres que estavam vestidas de panos brancos(...). Eram minhas mãis; filhas de Maria santíssima que sacrifica e cuida os desgraçados com todo o carinho e amor”. (S., p. 19)

São as circunstâncias da salvação de *Suema*, os anjos simbolizados pelos panos brancos e a citação da Virgem Maria que nos conduzem ao intertexto (Bíblia) e, através desta, ao Cristianismo.

Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*²³, o **Cristianismo** “é uma religião que se estabeleceu no mundo depois das pregações de Cristo e de seus discípulos. É uma religião que assenta em dois factores: o sentimento de uma dependência, de uma necessidade e a crença num poder superior que corresponde a essa dependência e que dá satisfação a essa necessidade. Ele caracteriza-se também por participar do carácter de todas as religiões em ser fundamentalmente um reconhecimento pelo homem da sua

dependência em relação a um ser supremo, e caracteriza-se pela maneira com satisfaz a necessidade religiosa do espírito humano”.

Esta concepção do Cristianismo, ao referir-se ao reconhecimento pelo homem da sua dependência em relação a um ser supremo, demonstra claramente a afirmação de *Suema*, citada anteriormente que, esgotadas todas as possibilidades que um indivíduo dispõe, só lhe resta a crença num poder sobrenatural correspondente àquela dependência:

“Devido a minha triste sorte limitei a calar-me! (...). Então esperava a minha salvação”.

(S., p. 19)

E é por isso tudo, que o Cristianismo²⁴ “é essencialmente uma religião de salvação, a qual nele se realiza por um meio particular, a saber: a obra de um Salvador, enviado por Deus: Jesus Cristo”. É, segundo a sua própria concepção, “a religião absoluta e única verdadeira. A reivindicação do absoluto que faz o Cristianismo baseia-se na sua origem: é a religião da revelação. Deus deu-se a conhecer aos homens por comunicações pessoais, de maneira sobrenatural; falou através de mensageiros escolhidos (profetas), abonou as suas mensagens através de sinais divinos (milagres), (...) e finalmente emprega o Divino Espírito Santo em actuar imanentemente nas almas, tornando-se nelas uma nova fonte de vida e libertando-as da escravidão do pecado.

E, nada melhor que as próprias palavras de *Suema* para explicarem ou testemunharem esta concepção do Cristianismo:

“Haveis de ver como é que Deus salvou-me pelos seus milagres”. (S., p. 20)

Podemos dizer também, de acordo com aquela concepção, que Deus deu-se a conhecer, revelou-se ao caçador através de comunicações pessoais, através de sinais, lembrando-o que devia ir caçar lobos:

²³ Cf. vol. VIII, Lisboa/Rio de Janeiro. Editorial Enciclopédia. (s/d). p. 88

²⁴ Cf. Op. cit.

“O senhor N..., nascido na Ilha de Bourboro, não podendo dormir naquela noite lembrou-se para ir caçar lobos, levou a sua espingarda e veio ao cemitério, caminhou a direcção donde saiam lobos uivando. Em vez de fugir como fizeram os outros, ele teve coragem de correr com os malditos lobos que me mordiam os pés e ele correu com eles (...). Começou a tirar as cordas(...) carregou-me nos seus ombros, e levou-me directamente para casa dos padres católicos, onde minhas boas mãis receberam-me com todo o carinho. Começando donde então fiquei com sorte”. (S., p. 20)

E colocou o terceiro elemento da Santíssima Trindade, o Espírito Santo a morar permanentemente na alma de *Suema*, libertando-a da escravidão do sofrimento, dando-lhe luz, mostrando-lhe o caminho do céu, a felicidade através dos ensinamentos de Jesus:

“Aprendi aqui a bem aventura de Jesus Cristo e aquilo que me ensinam. Todas as palavras de Jesus Cristo deram-me luz, cheio de contentamento. Filhos órfãos vimos aqui boas mãis que nos ensinaram o nosso único pai do céu, Deus”. (S., p. 20)

Isto tudo mostra que sem os elementos essenciais do Evangelho, sem a expiação de Cristo, e sem fé (a crença confiante) em Deus, ensina o Cristianismo que não há salvação, como se diz na Bíblia: “e em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”.(Actos, IV,12).

Mas *Suema* era confrontada com a difícil ideia de perdoar o árabe. Como perdoar alguém que lhe causou tanto sofrimento e ainda, por cima, provocou a morte de sua mãe? Nem a oração bíblica *Pai Nosso* (Mateus, VI:9-13) lhe tirava da cabeça a ideia de vingança do algoz da sua mãe:

“Quando me ensinavam o “Padre Nosso” e quando chegávamos no “perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”, sentia o meu coração

“E numa certa manhã (...)tinha chegado um árabe ferido na luta da guerra dos Inglêss. Era o meu dia de ir ajudar o que distribuia os medicamentos para os doentes (...).Eu ia atraz da nossa mãe superior, e entrei juntamente com ela no quarto dos doentes.” (S., p. 22)

E qual não foi o seu espanto:

“Ai de mim! Estive presa, querendo cair! Aquele árabe recém chegado que vi era o mesmo autor do caminho e a quem batia a minha pobre mãe quando estava prestes a morrer(...) no mau estado. A sua cabeça tinha um ferimento de espinho, o peito estava ensanguado, tinha sido ferido com azagaia, tudo aquilo assustou-me, estive quase para deitar fora tudo que tinha nas mãos”.(S., p. 22)

E a madre superior lembrando o conselho que lhe tinha dado anteriormente:

“A nossa mãe superiora reparou em mim e disse com toda a compaixão: Suema, minha filha, os seus pecados sejam perdoados. Veja bem que nosso senhor Jesus Cristo todo poderoso, que tudo pode, com pena não fez. Sorte daqueles que tem força para fazer o bem que maldade. Se assim o fizeres, Deus premeará-te um dia. Tênhas coragem minha filha, ficarás contente! És tu minha filha Suema que vás lavar esse doente”. (S., pp.22-23)

Apesar das hesitações e da tendência inicial para o mal, *Suema*, à custa de muitas orações, sobretudo a do *Pai Nosso* que diz: *” Não vos assemelheis pois a eles porque Vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes”* (Mateus VI:8) e *“ porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.”* (Mateus VI: 14-15).

excitar fortemente e eu dizia que tudo era bom, e para deixar não podia. Não podia socegar o meu coração que estava cheio de dor atroz. Quando iam cumprimentar a nossa superiora dizia: "Nossa mãe como é que hei-de fazer para deixar aquele árabe que bateu a minha mãe quando estava morrer? Nunca hei-de deixar em paz o criminoso da minha mãe!" (S., p. 21)

Ainda segundo a concepção do Cristianismo²⁵, "apesar da ruína irremediável do homem afastado de Deus provir de que nada se pode elevar na escala da vida moral, ou de qualquer outra vida, quando privado do único agente determinante da sua elevação, o pessimismo aparente transforma-se em optimismo. O homem é capaz de salvação e constitui, nos desígnios de Deus, alguma coisa grande e nobre. O Cristianismo surge para lhe trazer aquilo que o há-de salvar de si próprio e torná-lo de novo filho de Deus. Apresenta-lhe em Jesus Cristo um ideal de pureza que, sob a inspiração do Espírito, o convence do seu pecado, e o mesmo Espírito suscita em sua alma uma nova submissão, a submissão a Deus em Cristo.

A resposta da madre superior á *Suema*, em conjugação com esta concepção do Cristianismo é bem elucidativa da necessidade de se perdoar os nossos inimigos, aos que nos ofendem/devem, como Jesus fê-lo aos seus algozes:

"A nossa superiora respondeu-me: minha filha, nosso Senhor Jesus Cristo, Ele era Deus e padeceu, evitou todo o mal. Ele deixou passar tudo, Ele mesmo pediu para que perdoasse os seus inimigos em cima da cruz". (S., p. 21)

Todavia, a profunda mágoa, o ódio que sentia, os sonhos inquietantes que tinha, faziam na vacilar. Assim não podia ser baptizada.

Até que foi posta à prova:

²⁵ Cf. *Ibidem*. p. 89

Suema não vacilou, perdoou e tratou do doente, salvou uma vida, seguiu o conselho da madre superior, praticou o bem e não se reconheceu:

“Fiquei admirada sozinha quando vi a mudança do meu coração, desde então soube que era bom ter dó e fazer o bem.” (S., p. 23)

A história de *Suema* termina com o seu baptismo e o desejo de que todos os homens aprendam a fazer o bem. Esta mudança operada em *Suema*, não é uma mera mudança de objectivo, acompanha-se do dom do Espírito como de uma presença que renova, inspira e nobiliza, cria na alma um novo anseio para o bem, anima-a dum novo sentimento, o do universal amor, e produz uma nova obediência à vontade de Deus, de modo que o homem encontre em si próprio, uma nova força para vencer as tentações do Mundo.

De acordo com a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira²⁶, “a vinda a este Mundo, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, o Messias anunciado pelos profetas de Israel, filho de Deus feito homem para resgatar os pecados da humanidade; a necessidade de todos renascerem para uma vida nova por meio do baptismo, conferido em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, tal é, com o mistério da Ceia e alguns outros pontos fundamentais, o essencial do ensino dos apóstolos.”

Desta maneira, o Cristianismo coloca o homem, em geral, e *Suema*, em particular, numa nova sociedade, e por tal forma os salva. Retira-lhes da condenação da lei de Deus e torna a colocá-los na sua antiga posição de comunhão com seu Pai, mostrando assim, ao mesmo tempo, o que eles estavam destinados a ser e ajudando-os cada vez mais a atingir aquele ideal.

Com esta demonstração do intertexto bíblico em *Suema ou a pequena escrava enterrada viva*, podemos dizer que esta obra, afinal, não é uma narrativa sobre escravatura mas sim, uma narrativa do sofrimento de uma criança, de um ser humano

que, por sinal, nunca trabalhou como escrava. Todavia, o seu testemunho é valioso na medida em que vai buscar na escravatura, um exemplo, um pretexto para a catequização, para mostrar que, mesmo no extremo do sofrimento humano, as pessoas são capazes de se salvar, de perdoar.

4.1. O PAPEL DA BÍBLIA NA EXPANSÃO EUROPEIA

É objectivo deste subcapítulo, mostrar que a cristianização dos povos africanos no contexto colonial interessava mais ao europeu (colonizador) do que propriamente ao africano (colonizado).

É do conhecimento de todo o mundo que a Bíblia, ou seja, o Cristianismo, desde o séc. XVI contribuiu bastante na satisfação dos interesses do Imperialismo em África.

De acordo com Carrilho²⁷, “o historiador ganês Graft-Johnson, no seu *African Glory*, começa, desde o tempo de Justiniano, por demonstrar que já então o trabalho missionário era usado para consolidar politicamente o Império. Percorre a época do comércio de escravos e, chegando ao período colonial, cita um significativo testemunho de 1920: um certo Lothrop Stoddard escreve que, *sem qualquer divida, todos os brancos, quer professem ou não o Cristianismo, devem acolher com satisfação o sucesso dos esforços dos missionários em África. O feiticismo degradante, a demonologia, que resumem os cultos pagãos, não podem sobreviver, e todos os negros serão um dia cristãos ou muçulmanos.*”

Isto é para mostrar que na medida em que o negro é catequizado, cristianizado, os seus instintos selvagens serão dominados e ele estará disposto a aceitar a tutela do Branco, como elucidam as palavras de *Suema*:

“*Não temos terra, nem raça, mas aqui temos visto tudo; ensinaram-nos e contentaram-nos.*” (S., p. 21)

Esta expressão é indicativa do estatuto com que era olhado o negro na expansão europeia, ou seja, apenas como um exemplar de uma raça inferior e sem pátria.

²⁷ Cf. Carrilho, Maria. *Sociologia da Negritude*. Lisboa. Edições 70. 1975, pp. 146-147

Ainda Carrilho²⁸, citando um crítico camaronense Mercier Towa, acerca da morte de centenas de soldados africanos ao serviço do exército francês, nota que, chegado a este ponto, “esperar-se-ia que o autor decidisse desencadear uma luta decidida contra um opressor tão culpável, contra um país que manobra o aviltamento de povos africanos inteiros. Em vez disso, eis o perdão, e mesmo a oração a Deus pela França (...)”.

Pode-se perceber que neste espírito de ecumenismo católico, de perdão, de renúncia à luta, de permissividade, torna-se muito mais fácil a sobreposição de questões espirituais. A religião católica, neste caso, serve para operar distinções maniqueístas, para separar os bons dos maus, para descobrir e salvar o bem, ou seja, quando os brancos chacinam os negros ninguém levanta a voz contra eles, mas quando o negro se revolta, é um rebelde, é mau ou demónio.

As missões cristãs em África tiveram um impacto importante na consolidação do Império colonial, através da formação da consciência social e política dos seus crentes e jovens negros, desenvolvendo um espírito de passividade e obediência ao Branco e, *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* é um exemplo paradigmático disso.

²⁸ Cf. Op. cit. p. 148

4.2. RELAÇÃO ENTRE *SUEMA OU A PEQUENA ESCRAVA ENTERRADA VIVA* E OUTRAS NARRATIVAS AFINS

Tem sido nosso propósito, no presente capítulo (4.), mostrar a ampla relação que existe entre *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* e a Bíblia Sagrada.

De salientar que a Bíblia não é o único intertexto de *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, há outros textos com que mantêm aquela relação. Mas esta é mantida com base no grande intertexto que é a própria Bíblia, razão pela qual esta parte (4.1.) seja um subcapítulo de (4.).

Podemos dizer, segundo Mendonça²⁹, lembrando o conceito de intertextualidade, que a gênese e as convenções de escrita que orientam *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, fazem esta narrativa dialogar com textos anteriores e posteriores, moçambicanos ou não, remetendo para a necessidade de o integrar em sistemas literários transnacionais.

Pelas características temáticas e estruturais, constatámos que *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* mantém um diálogo intertextual com narrativas americanas de ex-escravos. Convém frisar que o modo dominante de escrita da tradição literária 'negra' nos EUA, até 1912, ano da publicação do romance *The autobiography of an ex-coloured man* de James Weldon Johnson, era a autobiografia na primeira pessoa, tal como é exemplificado por narrativas de escravos como *Narrative of the life of an american Slave* (1845) de Frederick Douglass ou por *Up from Slavery* (1901) de Booker T. Washington. Mas de todas essas narrativas, a que nos pareceu com mais notáveis semelhanças com o nosso texto em análise é *A Cabana do Pai Tomás* (1928) de Harriet Beecher Stowe, também uma narrativa americana de escravos mas de cariz biográfico.

²⁹ Cf. Mendonça, Fátima. Op. cit. 1999, p. 116

Esta narrativa é o relato comovente da separação cruel de um escravo *Tomás* (herói da história) da sua família, tantas vezes vendido, uma vida repleta de sofrimento. *Tomás*, um homem com expressão de bom senso grave e firme, aliado a uma grande ternura e bondade, uma dignidade e um respeito por si próprio, unidos a uma simplicidade humilde e confiante. O carácter exemplar de *Tomás* nesta história reside nas suas atitudes, aliadas ao facto de ter apreendido a ler e a escrever, de ter tido a Bíblia como único companheiro nas horas de sofrimento e nas noites de solidão, o que lhe deram a sabedoria suficiente para nunca se vergar perante homem algum e reconhecer que só Deus o iria salvar das mãos violentas e selvagens a que estava entregue:

“Senhor-murmurou ele-, entrego a minha alma nas Vossas mãos!” (**A Cabana do Pai Tomás**, p. 197), tal como *Suema* tinha feito:

“...Ó Maria, minha mãe, tenhai dó pela pobre e desgraçada a quem entrega a sua alma com todo bom coração.” (S., p. 23)

Tomás, mesmo à beira da morte, mostra-se predisposto a salvar, a perdoar o seu algoz (tal como vimos em *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*) apresentando-lhe em Jesus Cristo um ideal de pureza:

“Se o meu senhor estivesse doente, a morrer, e eu pudesse salvá-lo...oh, então eu daria todo o meu sangue de boa vontade. Sim, se todo o sangue deste pobre corpo pudesse salvar a sua alma, dava-o como o Salvador deu o seu próprio sangue por mim.” (**A Cabana do Pai Tomás**, p. 198)

O Cristianismo cria em *Tomás* um novo anseio para o bem, anima-o dum novo sentimento, o do universal amor, como as suas próprias palavras ilustram:

“...Sabe menino Jorge, parece-me que amo toda a gente, todas as criaturas que existem...Amar...Não há mais nada no mundo! Oh, menino Jorge, é tão bom ser cristão!”

(*A Cabana do Pai Tomás*, p. 202)

Com estas atitudes exemplares, próprias de caracteres heróicos, tanto *Suema* em *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* como *Tomás* em *A Cabana do Pai Tomás*, como é apregoado pelo Cristianismo, tentam apresentar a verdade como vinda de Deus e não como originada na alma humana.

Podemos ver também que à luz dessa perspectiva intertextual, não é possível ler *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, sem pensar em *Chitlangó filho de chefe* (1946). Para além da aproximação estrutural entre os dois textos, salientamos mais uma vez que a relação mais notável conforma-se através do Cristianismo.

Ora, segundo Mendonça³⁰, *Chitlangó filho de chefe*, “alimenta-se de uma história pessoal onde se marca a origem *tradicional/rural/pagã* do narrador, para num dado momento, se assistir à sua conversão e comunhão com o Deus do Cristianismo”:

“Este domingo um grupo de cristãos veio visitar-nos. Os mais eloquentes pregaram-nos um valente sermão(...)Estes discursos põem-me fora de mim.(...)Mas então viver na miséria, continuar pobre, sofrer de mil doenças,(...) e a seguir arder nas chamas eternas? (p. 151). No segredo da palhota, choro de alegria. Constato a sua presença. Ele está em mim. É o meu Senhor. E eu relato esta descoberta a Deus”. (*Chitlangó*, p. 153)

Esta outra das convenções deste género de narrativa, essa origem não cristã, segundo Mendonça, bastante acentuada num primeiro momento, contrastando com a posterior e fulgurante conversão, também pode ser vista em *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*:

“ No princípio tinha-me custado por causa da raiva e ódio que tinha, queria ultrajá-lo, e deixar de lavá-lo. Eu estava muito satisfeita quando vi o seu mal estado de saúde. Pouco a pouco com auxílio de Deus, ia tendo o animo, dos meus maus pensamentos e então tinha entrado na bem aventurança. Fiquei admirada sozinha quando vi a mudança do meu coração, desde então soube que era bom ter dó e fazer o bem.” (S., p. 23)

Em jeito de remate, podemos dizer que tal como *Chitlango*, *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* deve ser entendido como constituinte do género dos relatos biográficos e autobiográficos reais, herdeiro do sistema de pensamento missionário e filantrópico das igrejas cristãs com uma génese idêntica à do espírito que presidiu à emergência nos EUA das narrativas de ex-escravos de que *A Cabana do Pai Tomás* é exemplo elucidativo. Os afro-americanos funcionam aqui como paradigma, como *exemplum* e suscitam a admiração e orgulho dos africanos em todo o mundo. *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* e *Chitlango filho de chefe* demonstram bem este facto.

Estabelecida que está a relação entre *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* e as outras narrativas afins, salienta-se que a intertextualidade patente no texto em análise neste trabalho é **endoliterária** porque o seu intertexto é constituído por textos literários (já mencionados acima) e **hetero-autoral** porque nele dialogam vários textos, várias vozes e consciências, segundo as definições dadas no capítulo (2.).

³⁰ Cf. Mendonça, Fátima. Op. cit. 1999, p. 113

5. CONCLUSÕES

A leitura do texto *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* (uma autobiografia), permitiu-nos perceber uma presença intensa da Bíblia e um carácter exemplar do protagonista da história, que pensamos movido pelos princípios cristãos presentes no texto sagrado, facto que nos interessou em pô-lo a descoberto com objectivo de identificarmos os procedimentos técnico-literários que ajudaram na construção daquela obra que acreditamos ser exemplar. Assim, partimos da hipótese de que em *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, os princípios instrutivos do Cristianismo presidem a condição humana do seu protagonista e vão ter implicações na regulação da sua personalidade. A análise do texto, para a concretização dos nossos objectivos, conduziu-nos às seguintes conclusões:

(i) O discurso intertextual é a base de sustentação desta autobiografia, sendo a Bíblia, o seu maior intertexto e responsável pela modelação, regulação e preservação da condição humana e memorável do autobiografado;

(ii) Para além da Bíblia, um texto transnacional e anterior, o texto aqui analisado mantém relações intertextuais com outros textos literários, nomeadamente *Chillango filho de chefe*, um texto nacional e posterior, *A Cabana do Pai Tomás*, estrangeiro e também posterior. Podendo ser, assim caracterizada, essa intertextualidade, como endoliterária e hetero-autoral.

(iii) A história de *Suema*, apesar de, pelas circunstâncias do seu salvamento do enterro e a sua luta pessoal para abraçar o Cristianismo, serem únicas e oferecerem uma oportunidade dramática para publicitar o trabalho da missão cristã e também católica e fazerem um apelo simbólico aos jovens leitores cristãos; tem uma finalidade moral, a de conciliar o deleite e a utilidade moral, contribuindo para melhorar os costumes e para

tornar o homem mais digno. Ou seja, retomando a lição da necessidade de aliar o útil ao agradável.

Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva faz parte de uma literatura que produz elevação moral, é edificante, expressão literária profundamente interessada pelos problemas do homem, assume uma função pedagógica no alto sentido da palavra.

Chegamos à conclusão, contrariamente ao que vínhamos pensando, que *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva* não é uma narrativa sobre escravatura, apenas usa a escravatura, o sofrimento, como caminho para a pedagogia, para as lições de moral nela existentes.

Admitimos que este estudo contribuirá para dar uma visão de um passado histórico e literário, ainda pouco investigado em Moçambique, análogo ao fenómeno norte-americano das autobiografias e biografias sugeridas e apadrinhadas por sectores liberais e, parece-nos justo conceder ao texto *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*, um espaço na História Literária de Moçambique.



6. BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Activa

1. KHAMBANE, C. e Clerc, A. D. *Chitlango filho de chefe*. Maputo. Cadernos Tempo. 1990.
2. STOWE, H. B. *A Cabana do Pai Tomás*. Lisboa. Editorial Verbo. 1928.
3. SUEMA. *Suema ou a Pequena Escrava Enterrada Viva*. 1890.

Bibliografia Passiva

4. AGUIAR e SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. 6ª ed. Coimbra. Almedina. 1984.
5. ALPERS, Edward. *The Story of Swema: Female Vulnerability in Nineteenth-Century East Africa*, In Robertson e Klein. *Women and Slavery in Africa*. 1983.
6. BÍBLIA SAGRADA. Lisboa. Depósito das Escrituras Sagradas. 1941.
7. CARRILHO, Maria. *Sociologia da Negritude*. Lisboa. Edições 70. 1975.
8. DUCROT, O. e TODOROV, T. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1982.
9. FIGUEIREDO, J. M. N. e FERREIRA, A. G. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. 11ª ed. Porto. Porto Editora. 1980.
10. *GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*. vol. VIII Lisboa/Rio de Janeiro. Editorial Enciclopédia. s/d.
11. LARANJEIRA, Pires. *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto. Edições Afrontamento. 1995.
12. MENDONÇA, Fátima. *Literatura Moçambicana: a história e as escritas*. Maputo. Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane. 1980.
13. MENDONÇA, Fátima. *Identidade(s) Literária(s) e Cânone: biografias e autobiografias*. Estudos Moçambicanos nº 16. Maputo. UEM-CEA. 1999.

14. REIS, Carlos. *Técnicas de Análise Textual*. 3ª ed. Coimbra. Almedina. 1981.
15. REIS, C. e LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. 2ª ed. Coimbra. Almedina. 1990.
16. SHAW, Harry. *Dictionary of Literary Terms*. New York. McGraw-Hill Company. 1905.
17. VARGA, A. Kibédi. *Teoria da Literatura*. Lisboa. Editorial Presença. 1981.

ANEXO: SUEMA OU A PEQUENA ESCRAVA ENTERRADA VIVA

SUEMA
OU
A PEQUENA ESCRAVA ENTERRADA VIVA

I

TERRA DE SUEMA

Uma pequena escrava chamada Suema narra as suas desventuras da seguinte forma:

- Nasci na terra dos Wamiao que não conheço os costumes, as famílias nem as pessoas d'ahi porque sai estando pequena.

Porém sei somente que a minha terra está situada entre a terra dos Alamnindi e a dos Wamiasa.

Ouvi dizer que ao nascer do sol dos Alamnyndi estão os homens Wanagindo, que estão perto dos homens do Rio grande que obedecem ao rei de Zanzibar; que os Wamiasa chegam até aos grandes lagos que fazem limites as terras d'elles ao poente; que perto da nossa terra, tem os Wamakua e os Waluanda.

A minha terra é mui bonita! Vereis regatos...que atravessarão campos que são... ervas, elefantes, pedras grandes e altas que servem d'esconderijo, em tempo de guerra; são altas assim como que tocam aos céus.

Uma parte da minha terra tem mattos(selvas) imensos onde ha caça e animaes ferozes. Naquellas florestas entenderás uivar os tigres e os leões de noite e de dia; n'ellas estão pastando elephantes, oa quaes tem dentes de marfim que são riqueza grande em nossa terra.

As nossas varzeas são mui fertis; no mesmo anno semeam duas vezes feijão, milho branco, maceroça, amendoim, aboboras, pepinos, feijão miudo, mandioca. As bananeiras crescem como arvores do matto. Na estação chuvosa, semeam arroz; não o semeam para comer, porque não gostam d'elle; mas compra-se com elle fazenda, joias, sal com os arabes.

Nas aldeias da nossa terra, as casas não estão contíguas como as de cá (Zanzibar). Todas as casa estão espalhadas lá e acolá; ao meio está uma planície que cultivam e onde pastam os cabritos. Os moradores gostam d'isso, por via de guardar as varzeas

I

para não serem comidas pelos macacos, pelas aves e outras feras, e para não serem devorados pelos animaes ferozes; fallo assim em nossa terra.

Dizem ainda que esses costumes são mui antigos , porque os inimigos não podem accommetter a aldeia d'um só assalto, nem queimar todas as casas juntamente.

II

COSTUMES DA TERRA DE SUEMA

N'aquellas florestas immensas e profundas, eis onde escolhem para fazer os cemiterios. A maneira de sepultar em nossa terra é assim.

Guardam o corpo dentro d'um casebre de ramos verdes. Ao redor do corpo do morto, sendo homem, metem as suas azagaias, os arcos as flechas e todas as armas que lhe pertencem; sendo mulher, mettem a sua bacia, as colheres, as panellas, os pratos e todos os utensilios proprios às mulheres. Os parentes do morto mettem os pés um prato de farinha de milho pra elle cosinhar a sua massa.

No dia seguinte elles vem inspecionar o casebre do morto.

Se virem que a farinha desapareceu de noite, elles creem que morreu de doença; então chamam os amigos chegados para vir tomar parte no banquete.

Quando vêm que a farinha está no lugar onde foi posta, dizem quelhe fizeram danno. Então os irmãos pegam em armas para procurar o que lhe prejudicou e castigal-o.

Quando for assim que o morto tem muitos parentes, furiosos pelejam com armas, e se matam uns aos outros n'uma povoação inteira: é assim que muitas vezes são destruidas aldeias. Assim fazem em nossa terra porque ainda não conhecem a Deus; mas ainda não expliquei tudo.

Nas florestas da minha terra existe Dzime, Dzime é um ente mas que come, que atormenta, que dá doença aos homens que passam perto da sua casa, sem lhe fazer offerta.

Dizem que esse Dzime gosta por extremo ouvir cantar. Quem encarar com elle, se estiver com forças de cantar e de tocar batuque, este começa a dansar. A cabeça, as mãos, os pés se largam, se afastam; os olhos saem-lhe da cabeça; os membros do corpo se mettem a dansar separadamente; quando chegar a madrugada, os membros se reúnem. E Dzima desaparece.

III

MOCIDADE (VIRGINDADE) DE SUEMA

Meu pae tinha grandes forças, estava o caçador o mais valente das nossas aldeias.

Todos as annos, em nossa casa estava cheio com carne de caça; outras vezes matava elephantes, os dentes d'elles se vendiam a troca das cousas de casa com os arabes.

A minha mae e as minhas irmãs maiores vestiam joias com panos estrangeiros; conquanto a mim estava cheia com joias em todo o corpo; porém isso era o meu vestir unico.

Véz que na minha virgindade(mocidade) tive sorte.

Pela manhã o meu pae e os seus amigos iam a caça; a minha mae e as minhas irmãs iam amanhar, eu guardava as ovelhas perto da casa.

Eu brincava com as minhas companheiras, e estávamos cantando cantilinas como aves. Foi assim que o tempo passava depressa, alegrando-me da tarde de ver voltar o meu pae.

Eu alegrava-me de ver o meu pae voltar com sorte, estando cargado com muita caça.

Eu abraçava-o e as minhas irmãs apressavam de ir accender o fogo dentro da casa, e logo o fogo armava-se com pedaços inteiros de gazella que assavam-se nas brazas.

Mettiam a ferver uma panella immensa sobre o fogo e cosinhavam a massa. Panellas grandes, de pombe exauriam-se e esgotavam-se pouco a pouco.

Tinhamos sal todos os días para temperar a comida, porque quando os arabes não o traziam, meu pae sabia distilal-o.

Conhecia as florestas immensas, conhecia tambem certo logar que tinha folhas grandes, que depois de reduzidas a cinza, distillavam o sal.

Quando voltava o meu pae trazia um sacco de cinza; então todos iamos ao serviço.

Eu à lenha; minhas irmãs, uma à água, outra a distillar a cinza, e outra coava-a com panno.

Pois em nossa terra não ha sal à comer quem quer!

Eu tive ventura na minha mocidade! Quando ia a praia tirar agua, e que encontrava-me com as minhas companheiras, diziam: "eis Suema, a bemaventurada que todos os dias come carne temperada com sal!" Eu lisongeava-me ouvir estas palavras, porque era louvorinho do meu pae.

Outras vezes, quando eu passava pelo caminho, diziam: " eis Suema a asseada, com os cabellos bem penteados".

Eu alegrava-me em ouvindo estas palavras porque exaltavam a minha mae.

-Ai de mim porque esses dias felizes acabaram repentinamente? Até agora foi o lado bom das cousas que narrei. Agora vereis as desventuras que succederam e as minhas desgraças.

IV

O PAE DE SUEMA É MORTO POR UM LEÃO

O meu pae se tinha reunido com os seus amigos para ir dar caça aos animaes. No caminho tinham cavado covas para armar ciladas aos animaes, e tinham-nas coberto com ramos e folhas.

Tendo acabado de armar as armadilhas, todos os caçadores reuniram-se para dar uma batida aos animaes. Era a primeira vez, eu tinha ido com elles ao matto.

Ao sair de cas estava alegre como que vou a uma batucada.

Quando tive chegado no matto, armámos a rede e ficamos em pé separadamente.

Estivemos aproximando-nos e gritando para incutir medo aos animaes.

Os caçadores armados com armas e frechas entravam no bosque adiante; os outros espalhavam-se dentro do matto, atraz das covas, faziam tambem uma batida atraz aos que tivessem ficado escondidos.

Afinal chegamos ao logar onde deviam se reunir todos os animaes. Um bosquezinho espesso estava entre nós e as covas.

A tropa dos caçadores aumentava e os gritos redobravam.

Eu andava ao lado da minha mae com as minhas irmãs. Adiante de nós ia meu pae com o arco armado duma frecha. Tinhamos chegado ao bosque de que já fallei.

De repente um ruido grande saiu do bosque; todos os homens estavam espantados, e os gritos dos caçadores acabaram completamente.

O echo do bosque respondeu àquelle ruido.

Eu vejo ainda hoje o animal feroz; os olhos brilhantes como fogo, a juba erriçada, a cauda d'elle bater a terra, apparecer no bosque!

Aquelle bicho aproximou-se perto aos caçadores que temiam. A sua marcha era em recta linha a nós.

Elle passou ao lado do meu pae, e tendo parado, elle quiz accommetter as minhas irmãs e a mim. Aquelle bicho era um leão valente, medonho! Naquelle instante, o leão deu um berro, e nós estivemos a tremer muito. Meu pae viu o perigo que vinha sobre nos, e conhecendo estas cousas, quiz proteger e foi ao encontro ao bicho! A sua frecha, a sua

azagaia que nunca tinha errado, n'este dia errou.

Meu pae pegando na sua faca, accommetteu-o, e pegou-lhe a juba toda arripiada.

Os gritos, o ruido fizeram-me tremer e os sentidos desfallecerão. O que eu vi então foi sangue, uma cousa encarnada, que desaparecia dentro do matto.

O ataque foi tão repentino que não houve quem pudesse dar-lhe auxilio.

Então ai de mim! Estive desgraçada: ficámos, as minhas irmãs e eu perto da nossa mae no logar mesmo tingido do sangue do nosso pae, que era a nossa ajuda, o nosso sustento.

Depois do desaparecimento do meu pae, a caça acabou; o matto ficou silencioso, e a unica cousa que se ouvia foi o nosso pranto.

Quando anouteceu, estávamos no mesmo sitio; o uivar das hyenas fez lembrar a minha mae que o meu pequeno irmão estava só em casa. A minha mae com difficuldade se levantou; porém antes de se retirar para casa amarrou um casebre de ramos de folhas no logar mesmo tingido de sangue do meu pae, e depositou lá perto a azagaia, a aljava e as frechas d'elle.

Pozémos em cima d'uma folha de bananeira no lumiar da porta do casebre, e tendo acabado, tomámo-nos pela mão, e deixámos aquelle logar, sem deitar um olhar atraz de nos como quem volta do cemiterio.

Sei o dia que começarão as minhas desventuras! Esta foi a primeira noute sem fogo, terrivel sobremaneira.

No dia seguinte, fomos todos a nossos trabalhos por necessidades, porém ninguém cantava, ninguém estava alegre.

V

FOME

Ai de mim, estive mui infeliz!

Ora não conhecia as causas de Deus que nos ensinão cá. Não sabia que estamos n'este mundo para louvarmos a Deus, para o honrarmos, para padecermos, e irmos ao ceo. Não sabendo amar por amor do meu pae, e pela dor de tel-o perdido, estive induzida a todas as causas da terra, aborrecia-me da luz do sol e do cantar das aves.

A minha vida estava-me aborrecida e as palavras alegres das nossas vizinhas em vez de me alegrar affligiam-me, por serem como se rir de mim e das minhas desventuras.

Oh! Como os homens soffrem quando não sabem honrar a Deus.

V

N'aquelle tempo uma grande calamidade affligiu a minha família e todo o paíz: os gafanhotos e as lagartas deram cabo das sementes em três dias, todas as sementes acabaram, as folhas que sustentavam os homens acabaram ser comidas e as raizes todas; as árvores acabaram ser comidas com a casca inteira. Toda a região ficou um deserto.

Esta calamidade occasionou uma fome geral. Os homens que tinham sal, eis os que puderam fazer provisões com gafanhotos temperados com sal. Ai de mim! Depois da morte do meu pae, não havia mais sal em casa. Durante alguns dias vivemos com os cabritos e as gallinhas que nos tinha deixado o meu pae; porém os animaes donde não tendo pasto começarão a morrer. A fome foi acompanhada das outras calamidades.

Um vento violento, os insectos mortos e os cadáveres dos animaes que não eram enterrados infeccionaram os homens de uma grande epidemia. A nossa terra que sobrepejuva tanto com fartura foi mudada para sempre em deserto!

Principalmente em nossa casa choravamos muito.

Assim fomos para enterrar as minhas duas irmãs, sem derramar uma lagrima. Minha mae dizia a voz baixa "vos tendes muita sorte que deixaste as penas!"

Quando morreu o meu pequeno irmão, a minha mae não chorou porque não tínhamos mais lagrimas.

Minha mae em vez de ir enterrar-o no cemiterio, enterrou-o em casa mesmo; depois d'isso levou-me pela mão e fomos andando a bordo da praia pelos rios sem olhar para traz.

VI

SUEMA VENDIDA

O sair d'aquelle logar deu forças a minha mae.

Tomou de novo animo; depois de andar um espaço de tres dias, levantamos uma choupana e cultivamos uma pequena varzea. Um dos nossos vizinhos emprestou-nos dois sacos de milho branco, um para semear e outro para comer.

Com condições de pagarmos com mantimento novo.

Não posso exprimir a alegria que tinha entrado em nossa casa: ora minha boa mae ficou socegada, e eu mui contente em não a ver mais chorar. Ai de mim! O nosso socego não durou muito tempo.

Esse ano foi pessimo o mantimento não deu colheita, o nosso credor quiz o que era seu,

por via de precisar elle mesmo; vem para pedir-nos os seus sacos emprestados.

Minha mae foi atrapalhada com este pedido ella cahiu de joelhos aos pes do seu credor e pediu lhe que nos desse algum tempo para pagar: porém o tempo pedido foi pouco. Por sua força de coração, minha mae tinha habilidade para fabricar vasos de barro. De dia e de noute não descansava no seu officio de oleira; eu tambem ajudava-a segundo as forças que estava dotada.

Mas vos sabeis que um trabalho d'esta ordem em nossa terra é pouco proveitoso.

Porém com todo esforço que fizemos, não podemos pagar as nossas dividas, senão em parte muito pequena, no tempo que o dono nos deu.

O credor voltou outra vez a indagar, e ver se não podiamos pagar as nossas dividas; elle nos ameaçou, e ficamos inquietas com isso por uma sorte má, n'aquella ocasião passaram os arabes. Todos sabem que a passagem dos arabes é castigo para com os fracos. Os homens maus costumam vender homens e crianças roubadas com arabes a troca de sal, pannos e joias.

Os credores aproveitam então de fazer cobranças de dividas. Tendo elles devedores seus que não tem d'onde pagar: apanham-nos como escravos e juntamente aos filhos d'elles e muitas vezes succede que os grandes mesmos chefes de familia vão para captiveiro.

Não ha que se admirar d'isso, porque já vi que os homens não se lembram de Deus, estão cheios d'orgulho, d'inveja, de cubiça, e não tem compaixão.

Um dia ouvimos dizer que os arabes estavam acampados perto da nossa aldeia. Então era alvo por todos os lados.

N'essa noute, eu não podia perguntar-lhe o motivo porque chorava, para não aumentar-lhe asua dôr.

Na verdade estivemos a chorar ambas!

Porém pela manhã vi que minha mae tinha padecido toda noute mais que os outros dias. Estive com admiração vendo o cabello della que se tinha tornado branco como leite.

Coitada da minha mae! Como adivinhava que tinha chegado o nosso desterro.

N'aquella manhã, veiu em nossa casa o nosso credor junto com dous aldeãos e um arabe.

Estes tendo chegado ao lumiar da nossa casa, elle disse com altivez: "mae de Suema tu não tens o pagamento dos meus dous saccos; tens a tua filha. Depois d'isso dirigiu-se

aos dous anciãos que tinha trazido, dizendo: “Ouvi vós estas cousas!”

Depois olhando para o arabe, disse: “ Então estamos d’acordo por seis covados de panno para levar esta criança”. O arabe pegou-me pela mão, fez-me por em pé e andar, acabado isso, examinou as minhas mãos, os meus pés, abriu-me a boca, examinou os meus dentes, quando tive acabado de inspeccionar, elle disse:” está bom, vamos. Recebas seis covados de panno”.

Eu estava vendida.

VII

PRANTO DA MAE DE SUEMA

N’aquelle momento, a minha mae estava como morta.

Quando o nosso credor, de mau coração, disse-me que me comia por motivo da divida d’ella segundo o costume da terra, minha mae me apertou nos seus braços e se cobriu os olhos.

Ella se deitou aos pés do arabe e disse-lhe com palavra que não se pode exprimir, pedindo-lhe que a levasse comigo. Ella estava dizendo:” eu não sou ainda velha; se eu tenho cabello branco, é por motivo da minha dôr e sofrimento. Eu tenho bastante força para poder carregar uma... de marfim”!

“Ai de mim! Não me separeis da minha filha; porque ella é minha consolação nas minhas desgraças”!

Oh Senhor, peço-Vos não me recuseis esta graça!

Além d’isso eu não sou comilona, eu me contento com pouco, eu sei o officio de oleira, eu posso ficar como escrava; prometto bem trabalhar.

Pego pé, senhor, levai-me, tendes compaixão d’uma mae desgraçada que não quer se separar da sua filha!

Estas palavras saidas d’um coração quebrantado pela dôr derão compaixão ao arabe. Afinal, comovido de compaixão o arabe respondeu-lhe levando-a juntamente commigo pela lembrança que lhe poderia fabricar vasos mais que pela consideração das lagrimas d’ella.

O arabe em fazendo assim ou era piedade ou era resposta d’interesse porque ella sabia o officio de oleira, em todo o caso, a sua resposta tranquillizou nós.

VIII

VIAGEM ATRAVEZ DO DESERTO

No dia seguinte, pela manhã, os viajantes partirão minha mãe tomou sua carga que era um dente de elephante.

Eu tinha uma trouxinha.

Eis o modo de andar dos viajantes, todas as horas da meia noite, o criados vão adiante com machados e cordas para levantar as barracas do acampamento onde o seu dono deve chegar; outras levam agua com panellas para cosinhar, e um grande tambor que serve para reunir os viajantes.

Alem d'isso levam o chifre de boa sorte de caminho, o qual dizem que é mezinha d'leão, comprada ao grande chirurgião da sua terra.

De madrugada tange o tambor para ir-se embora. Um individuo vae adiante com uma pequena bandeira que elles dizem que é a salvaguarda dos caçadores.

Eu julgo que essa pequena bandeira é signal que se mostra aos regulos ou grandes das terras para que deixem os homens passar, depois de pagarem o passa porte.

Em seguida vem os escravos de cargas que levão o rancho, o marfim, a borracha e as caixas do dono.

O dono vem, e segue na retaguarda com a sua gente de casa.

Ao meio dia o arabe faz as suas orações; n'aquelle tempo todos os homens descansão duas ou tres horas, e depois d'isso continuam a sua viagem, afinal chegam ao acampamento de noite.

O que vae adiante abre o caminho com folhas quando encontrar bifurcação de caminhos.

A noite tange tambor para os homens não se extraviarem.

Quando chegarem ao acampamento, os viajantes encontram as barracas promptas; estas barracas são feitas de ramos e de palha secca.

Escolhem uma barraca bonita, estendem palha boa e molle para o seu patrão dormir.

Outras vezes arrumam-lhe ali mesmo a sua esteira e travesseiro.

Depoi d'isso repartem o rancho entre os viajantes; essa comida é a que foi cosinhada pelos que andarão adiante. A comida consiste principalmente em massa de mapira e feijão. Outras vezes cosinhão batatas doces e bananas assadas.

Para que não fogem os carregadores e os criados durante a viagem dão-lhe, a comer bem e tão bem para que não percam as forças de cargar. Assim elles vão de terras em terras ao sol abrasador, e nas chuvas torrenciais. Tudo isso para tornarem-se ricos

roubando a liberdade e a vida dos cafres!

IX

AMOR DA FILHA

Os dous ou tres primeiros dias tudo estava bem. A marcha augmentava o appetite de comer que me satisfazia melhor que em casa. Eu gostava muito de andar; por ventura, aminha carga não pesava. Mas não era assim com a minha mae infeliz, o primeiro dia carretou o seu dente de elephante, e andava até adiante dos viajantes.

O segundo dia estive ao meio, e no terceiro ficou atraz, não podia mais seguir.

Muitas vezes descarregava a sua carga, a sua respiração era cançada, e o seu andar mostrava o esforço que fazia para caminhar.

Todos os padecimentos da minha pobre de mae faziam-me sentir dôr como espada que feria o meu coração.

No dia seguinte os viajantes se afastarão do caminho que seguia junto a um regato; a sede estava terrivel e começou a atormentar todos os viajantes.

A minha mae muito cançada pela sede e inclinado debaixo da carga que pesava muito, caiu com ella umas poucas de vezes.

O chefe da caravana quando viu que a minha mae não podia mais carretar a seu cargo, pediu a outro para leval-o em seu logar.

Estive com um certo contentamento e não menos com admiração vendo-a prevenida da piedade do arabe, mas estive mui enganada. Quando chegou a noute, tive outra vez magoa quando chegaram estas palavras aos meus ouvidos, o chefe da caravana dizendo ao seu escravo, às horas de distribuir o rancho: “ a mae de Suema não pode fazer nada não lhe deis de comer”.

Ai de mim! Oh! Palavra pungente para uma filha que ama muito a sua mae!

Eu esquivava-me e ia repartir com minha mae o meu prato de comida.

A final, o chefe malvado viu-me quando esquivava-me, apanhou-me e bateu-me muito até fazer sair sangue.

O meu patrão disse aos seus homens que me dessem a comer em sua presença, e me guardassem com cuidado durante o comer para que eu não pudesse dar tambem à minha mae.

No dia seguinte a minha pobre de mae comeu gafanhotos sós, hastas de milho branco e bolas de terra encarnada.

Ai de mim! que compaixão d'uma filha bem criada! A tarde, eu não podia comer. Estava envergonhada de pôr na boca comidas boas que me davam.

Uma criança bem nascida vcomo pode comer e ver a sua mae que está morrendo com fome? A minha mae compaixão estava tão grande que o meu amo adivinhou e mandou-me bater outra vez. Estive tão atrapalhada que engolia a minha comida com lagrimas, não podendo fugir por pouco para minha mae.

No dia seguinte, ai de mim, dia de desventura! Os nossos companheiros entrarão n'uma campina onde o fogo ardia e devorava todas as hervas; o fogo andava a espalhar-se.

Não havia logar com verdura, nem um insecto, nem uma avezinha.

O que apparecia era uma planicie queimada em cinza, minha infeliz mae não tinha nem um insecto, nem herva, nem um bocado de terra que podesse illudir aquella dôr de barriga.

N'aquelle dia vi-a cair muitas vezes com fome e cansaço, com muito esforço ella poude chegar de noute ao acampamento.

Na distribuição do rancho da tarde; umas outras palavras crueis que pronunciou o nosso amo rasgaram-me novamente o coração. Elle disse ao capitão da caravana: Expulsa do acampamento esta velha, mas cuidai principalmente que não se lhe dá a comer qualquer cousa que fôr, quem não obedecer a minha ordem, receberá castigo".

Depois d'isso o malvado disse mais: amanhã, se Deus quizer estaremos livres com ella, hoje é ultimo dia de viagem d'ella; não pode mais andar". Essas palavras erão acompanhadas com rir de vingança!

Quem poderá narrar as cousas que se passavam em meu coração quando esse malvado dizia com rir a sentença de morte da unica pessoa que eu estimava o maior n'este mundo, minha terna e infortunada mae que tinha trabalhado tanto para me criar, que negou se separar de mim na hora da minha desventura!

As palavras amargura, padecimento e dôr exprimem pouco o que eu sentia então no meu coração!

Ainda agora quando me lembro essa minha dôr toda estou estremecida.

De noute acampamos na solidão; o incendio tinha queimado todas as florestas e espinhos.

Era a felicidade da desventura, porque eu pude me transportar perto da minha infortunada mae.

Quando julgava que todos dormiam, eu andava de gatinhos, saia fora do acampamento.

A noute escura e o clarão do incendio estavam semelhantes a meu corpo, e assim ajudavam a minha fuga.

Direi que quando chegava à espaço de poucos passos longe do acampamento, tinha um medo grande de noute, na escuridão.

O medo fazia-me tremer e parar.

Porém, pelo amor de minha mae tomava animo e dizia quenã deve fazer uma filha para com sua mae bem amada! Não é melhor morrer junto com ella que morrer depois d'ella?

Essas palavras fortaleciam o meu coração, e continuava o meu caminho.

X

AMOR DE MAE PARA COM SUA FILHA

Eu andava e seguia o caminho por onde tinhamos vindo de noute. Espreitava e dava attenção a todo o roçamento.

N'aquelle instante ouvi gemer que conheci ser a voz da minha mae no logar onde tinha-a deixado. Eu comecei a correr; de longe gritei-lhe: minha mae alegre-te, eis a tua pequena filha que vem para te ajudar”.

Ella ouviu estas palavras, gemeu e chorou de compaixão; quando cheguei, ella abraçou-me nas suas mãos emmagrecidas, ella poz minha cabeça sobre os seus joelhos, e derramou lagrimas quentes que caiam sobre os meus cabellos.

Ella acalentou-me em quanto estive, as suas forças como n'outro tempo acolá o meu pequeno irmão.

ANEXO:

Conclusão, em em 10 de Agosto de 1936, da tradução portuguesa, por José Baltazar da Costa.

Naquele momento cantou com voz fraca, chorando como se fosse na morte:”Suema minha filha porque não morreste junto com os teus irmãos? Eu assim poderia ter os vossos túmulos, única riqueza que ninguém m'a podia tirar!

É sorte minha pobre mãi daqueles que morrem e ainda conseguem chorar em cima das campas dos seus filhos! Os túmulos das tuas irmãs e irmãos estão longe! Tu agora separarás de mim! Eu sou infeliz não, tenho força de te seguir para onde vais, nem tão pouco de voltar para casa donde tem os ossos dos nossos antepassados!

Pobre de mimi, o que te espera agora filha perdida!

E agora quem te penteará e fazer tranças dos teus cabelos?

Quem te lavará a tua cabeça?

Orvalho de manhã e as chuvas de inverno podem lavar a cabeça duma filha orfã, lágrimas podem lavar a cabeça duma escrava; a unidade pode ser sua mãe. Túmulo é sua terra e é único lugar que dá descanso o seu corpo sem força!”

Assim a minha mãe chorou como habito fúnebre da minha terra.

Eu, não imaginam como o meu coração ficou amargurado! As lágrimas não saiam dos meus olhos, porque os meus sofrimentos não tinham fim. A garganta ardia-me como se tivesse cheio de carvão em brasa, soluço estremecia-me, parecendo que rasgava-me o peito.

Até que com o cansaço do caminho longo, e com as carícias que a minha mãe me fazia consegui assim dormir um pouco.

De madrugada senti apertar com muita força sobre o seu corpo e acordei, vi que era a minha mãe que estava me apertar.

De repente senti das pessoas que me procuravam.

Vinham aproximando pouco a pouco; até que os outros nos viram, e chamaram os companheiros.

Assim feito, deram-nos rasteira, no mesmo instante o capitão dos árabes agarrou-me num braço com toda a força para me tirar das mãos da minha mãe.

Sem perda de tempo a minha mãe apertava com força sobre o seu corpo que até esse homem não tinha podido arrancar-me dos braços da minha mãe, o que para isso, como não podia realizar o seu intento arrastou-nos para o chão.

Ele gritou com muita força que tinha (bate, bate nessa mulher malvada! Bate-lhe com cacete para acabar de vez com a vida!”

Nessa ocasião a minha pobre mãe apanhou muitos cacetes.

Apesar de dores horríveis que ela sentia não me largava dos seus braços, dizia com voz muito fraca, “bate-me para morrer antes de separar-me com minha única filha!” Assim repetia muitas vezes.

O capitão quando ouviu estas palavras, homem de mau coração não compadeceu por nós pobres desgraçados, gritou, dizendo:”bate, bate com força na filha”.

Com muitas dores de tantas cacetadas era demasiado o meu grito de dor.

Até que a minha mãe as forças lhe tinha acabado, largou-me e levaram-me.

Pouco tempo depoi vi a minha pobre mãe cair pelo chão sem força devido as dores.

XI

SEPARAÇÃO FINAL

Eu mexia muitas vezes nas mãos dum escravo que me levava, virando sempre os meus olhos para traz afim de despedir-me da minha mãe.

Em pouco tempo estavam cançados e experimentaram-me por ao chão para andar sozinha, e batia-me.

Em todos os paços eu esforçava-me para voltar atraz done tinha ficado a minha mãe, e com medo dos cacetes, eu caia ao chão.

O dono da viagem aborreceu-se de ver tudo isto que eu fazia desse para seu escravo afim de me carregar e por-me nos ombros, e fomos para o acampamento.

Aceitei; mas quando chegamos ao acampamento os companheiros da viagem já tinham partido.

Pouco tempo depois tinhamos chegado na serra.

Virei para atraz, no meio da planicie queimada, vi a minha desventurada mãe que acabava de estender os braços sinal do último adeus.

Tive muita pena quando vi muitos abutres que esvoaçavam em cima dela aguardando que ela morresse e depoi devorá-la.

Não há ninguém que pode imaginar aquilo que eu pensava fazer naquela altura!

Era eu mais morta que viva, pois se esforcei andar por que era obrigada.

Eu afrouxava o andamento e quando eu fazia tudo isto batiam com cacete.

Não digo cousa nenhuma sobre esta minha triste viagem desde o dia que separei da minha mãe até quando cheguei na terra chamada Kiloa que é povoação que está na beira dum grande lago.

Falo apenas que durante esta minha viagem chorei muito a ponto de inchar muito os meus olhos. Eu até julguei que ficaria cega. Começavam outra vez bater-me para ver se conseguia andar.

Apesar de todos estes castigos era um tempo perdido, pois eu já estava fraca de tanto bater.

O escravo disse para o dono da viagem:” meu senhor, porquê leva mais para o destino esta pessoa morta? O senhor bem sabe que esta criança não é nada bonita; o melhor é deixá-la para ser comida pelos abutres!”

O dono respondeu: "é impossível deixá-la aqui, visto ter comprado com fazendas importantes. Meu senhor! Se eu a deixar, perco mercadorias de pano que são duas braças de pano por uma cabeça de escrava."

O homem que me levava, era teimoso, fazia tudo para se livrar da sua carga. Todos os dias quando chegávamos ao acampamento no momento que ele me tirava dos seus ombros, arremessava-me ao chão.

Passávamos todos os dias, em baixo de frondoso arvoredos cheios de piteiras, conseguindo assim roçar-me com espinhos todo o corpo.

Eu tinha tanto dó quando ele me fazia tudo aquilo, as companheiras riam-se de mim, satisfeitas com aquilo.

Passei um pouco aliviada em Kiloa, senti um pouco melhor as minhas pungentes dores. Lá não havia quem me maltratasse. Dormia num canto da casa muito escura. A água havia perto de mim, era-me fácil matar a minha horrível sede, o único remédio que me salvava.

Outras cousas mais não me importava.

Não sabia em que terra me encontrava, estive triste por pensar o meu martírio e padecimento que eu tinha, desde o dia que me separei com minha mãe até hoje, eram sonhos maus!

Esperava que todos os sonhos acabassem e tudo aquilo que estava ao meu lado desaparecesse, sonhava de que um dia eu estava acordada ao lado da minha pobre mãe; dentro duma pequena casa donde estávamos muito tristes, mas tínhamos sorte extraordinária por ver nova aventura.

XII

VIAGEM NO MAR GRANDE

Eu muito intrujada nos meus pensamentos, um dia de manhã, levaram-me e meteram-me no navio de vela para irmos para Zanzibar.

Os escravos, meus companheiros, todos que eram para embarcar começavam a tremer todo o corpo, gritavam fortemente cochichando e depois falaram: "ai de nós! Estamos perdidos! Vamos para Zanzibar terra onde há brancos que comem gente negra!"

Tudo isso estava ao meu alcance, pois não podia ficar bem e socegada naquela ocasião, pensava que morreria nesse momento. No navio de vela o meu martírio era cada vez mais. Agarrávamos com toda a força e não podíamos mexer nem tam pouco respirar.

Calor e a sede horrível é o que não se podia dizer, ventania forte do mar balançava o navio de vela que nós fazia cair uma sobre em cima da outra.

De noite o vento forte do mar estremecia-nos encharcando-nos espuma do mar que era impelida pelas ondas. No dia seguinte, todos nos recebíamos pouca água doce e um pedacito de mandioca.

Assim passaram seis dias e seis grandes noites, fome, sede, a fraqueza do coração; passagem de repente do estado do calor para o frio intenso, a dificuldade de não poder deitar somente a cabeça, por falta de logar, até que todos esses sofrimentos faziam-me lembrar uma viagem difícil do caminho pelo deserto!

Tenhamos coragem! Porque está próxima a mudança da nossa salvação: porque estamos a chegar na Ilha de Zanzibar.

O bom vento fazia andar, fortificando as velas, momentos depois via-se a grande cidade de Zanzibar! Ouvimos duas salvas de metralhadoras, as velas do navio estremeceram-se; começavam a dobrar as velas, e atiravam ancoras ao fundo do mar.

Ouvir as companheiras, as quais ficaram admiradas em vendo povoação com grandes casas, casas de pedras brancas. Em todo o momento a sua admiração era cada vez mais e tinham medo. Para mim tudo isto não era nada, parecia nuvens que se via a frente dos meus olhos.

Eu sentia a garganta seca, é só isso, e muito dengosa dizia; quando é que havemos de desembarcar para nos dar pouca água para beber. Sede é uma cousa horrível. Não me lembro bem o tempo que estivemos na praia, e quando desembarcamos.

Por ver a multidão de gente negra e com o movimento dos carregadores, obscurecia-me a vista não sabendo portanto o que eu fazia. Até que começava a escurecer-se.

XIII

SUEMA ENTERRADA VIVA

Quando chegamos a casa dos escravos que é uma casa enorme de pedra, aproximava-se a noite.

É ali donde vimos o nosso amo de viagem a quem pensávamos que ele era gente rica e ficamos admirados e tristes, vendo ele encolhido na presença de outro árabe, o qual zangava-se com ele em linguagem árabe que não percebia.

Eu penso que ele se zangava com ele por minha causa, porque sempre apontava com o dedo para mim.

E depois disse com voz branda como se fala na minha terra, mandou pôr-me em pé. Eu esforcei para lhe responder, tentei pôr-me em pé mas foi de balde.

Depois este novo árabe disse: que com essa escrava perdi muito, tenho pena das minhas fazendas(I) seis braças de pano, a alimentação durante a viagem, passagem, juntando tudo isto perfaz quatro(II) braças só por causa duma escrava e depois disse para o musambadzi: "não torna mais a fazer as suas tolices."

E quando acabou virou para os dois escravos altos, ordenou-lhes: Camiz e Muluzuto, amarram na esteira essa escrava que está a morrer e vão enterrá-la. Escusado de lhe dar mais comida porque já não está viva".

Conforme assim se falou e assim fizeram. Dois escravos embrulharam-me numa esteira já podre e amarraram-me com cordas de palmeira no fim amarraram-me num pau, e carregaram comigo para muito longe.

Estive amarrada numa esteira da qual me impedia de de ver cousas que passavam fora, movimento das pessoas, tinha eu a certeza de que passavam comigo pelo caminho das povoações.

Senti quando roçavam comigo contra árvores então soube que atravessavam comigo pelas árvores espinhosas. Até que levaram ao destino e deram por terminada a missão: senti atirarem-me areia e logo senti que estavam a enterrarem-me viva.

A areia com que eles me enterraram era muito pouco, porque senti depois o movimento das pisadas ao regresso dos meus malfeitores da maldita cova.

Assim fiquei sozinha num deserto socegada comecei a ter muito medo. Eu padeci muito até chegar naquele ponto.

Quando lembrei a parte da minha virgindade, foi para mim um grande desgosto, pois por causa de lembrar morrer virgem metia-me horror.

Fiz um grande esforço para sair dentro da esteira; o que não podia. Só pude tirar uma parte do meu corpo para que não pudesse morrer enforcada.

Numa ocasião, comecei gritar fortemente duas e tres mas a minha voz não se ouvia, por causa da escuridão, nesse momento passava gente perto de mim. E gritava com toda a força, mas quando assim fazia, a minha voz em vez de me favorecer, afogentava.

Devido a minha triste sorte limitei a calar-me!

Repentinamente em redor de mim as árvores mexeram. Então esperava a minha salvação. De repente um grupo de lobos sacudiram-me, uivando.

O meu sangue estava seco com o medo. Os meus gritos por causa de mexer muito e

com a minha fúria fugiram momentos depois.

Pouco a pouco vinham perto e ouvi ladrar a moda deles.

Até que começaram desenterrar-me a parte dos meus pés e morderem-me.

Eu gritei, a ponto de perder os sentidos.

XIV

SUEMA SALVADA

Quando levantei vi que estava no quartito branco, que nunca vi na minha vida, que nunca vi na vida

Estive deitada em cima duma bela cama, cobrindo pano branco tão bonito.

Duas pessoas brancas as quais nunca também vi, estavam assentadas na minha cabeceira, olhando para mim quando eu mexia e remexia.

Eram mulheres que estavam vestidas de panos brancos novos.

Estas mulheres eram minhas mães; filhas de Maria santíssima que sacrifica e cuida os desgraçados com todo carinho e amor.

Quando vi os seus vestidos pretos; julguei nesse momento que era eu morta, na certeza porém que me encontrava na terra santa.

Em meus pensamentos primeiro eram da minha mãe.

Onde está minha mãe? perguntei muitas vezes as minhas protectoras e salvadoras, as quais eu julgava serem anjos.

Uma delas disse-me que "socegasse a sua mãe não tarde, vem já."

E depois deram-me uma bebida boa, doce que eu bebi muito e dormi.

E depois eu vos contarei o que se passou quando estava dentro da cova; no meio dos lobos. Haveis de ver como é que Deus salvou-me pelos seus milagres.

O Senhor N..."nascido da Ilha de Bourboro, não podendo dormir naquela noite lembrou-se para ir caçar lobos, levou a sua espingarda e veio ao cemitério caminhou a direcção donde saiam lobos uivando.

Em vez de fugir como fizeram os outros, ele teve coragem de correr com os malditos lobos que me mordiam os pés e ele correu com eles.

Ele vendo a carga dentro da esteira que mexia quiz aproximar-se para ver.

Parou para descançar e começou a tirar as cordas, abriu esteira, vendo o corpo duma pessoa a quem o seu coração pulsava carregou-me nos seus ombros, e levou-me directamente para casa dos padres católicos, onde minhas boas mães receberam-me

com todo o carinho. Começando donde então fiquei com sorte.

XV

NARRAÇÃO DE SUEMA

Acabo a minha narração e é também para finalizar a minha triste sorte: contudo, pela boa vontade, do meu pai, contarei uma cousa que está em relação com as minhas cousas.

Aprendi aqui a bem aventura de Jesus Cristo e aquilo que me ensinam.

Todas as palavras de Jesus Cristo deram-me luz, cheio de contentamento.

Filhos órfãos vimos aqui nossas boas mãis que nos ensinaram o nosso único pai do céu, Deus.

Deixaram-nos perdidos, desconsiderados e sofridos. Aqui tiveram-nos o amor sem desconsideração e tudo.

Ensinaram-nos para que as nossas lágrimas fiquem contentes a Cristo, nosso rei, que um dia nos dará no céu cada um a justiça que merece.

Não temos terra, nem raça, mas aqui temos visto tudo; ensinaram-nos e contentaram-nos. O meu espírito recebia como se fôsse cousa boa para comer no meio do deserto.

Quando me ensinavam o "Padre Nosso" e quando chegavamos no "perdoai-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" sentia o meu coração excitar fortemente e eu dizia que tudo era bom, e para deixar não podia.

Não podia socegar o meu coração que estava cheio de cor atroz.

Quando iam os cumprimentar a nossa superiora dizia: "Nossa mãe como é que hei-de fazer para deixar aquele árabe que bateu a minha mãe quando estava a morrer?"

Nunca hei-de deixar em paz o criminoso da minha mãe!"

A nossa superiora respondeu-me: "minha filha, nosso senhor Jesus Cristo, Ele era Deus e padeceu; evitou todo o mal. Ele deixou passar tudo; ele mesmo pediu para que perdoasse os seus inimigos em cima da Cruz."

Eu respondia-a: "que é coisa que não se deixa passar, e mesmo que eu diga que sim, mas o meu coração dirá que o seu modo de proceder não é verdadeiro."

A nossa mãe abraçava-me, dizendo: "tenho pena de ti, pobre Suema por motivo dos sofrimentos que passaste e do juramento que hás-de fazer no teu batismo, tenho muita minha filha! Tu aprendeste bem o teu catecismo. tu não queres o teu mau costume como Satanz nega, por causa da sua vaidade e os seus feitos.

Por causa desses ódios não há batismo que se consegue devidamente, reza minha filha. Eu peço por ti, com graças de Deus e teu coração há-de mudar.”

Desde aquela ocasião eu comecei a rezar e no meio das orações, sentia o meu corpo leve e outras vezes um pouco pesado.

Durante o dia julgava que havia de deixar pensar com todo o meu coração aquele homem, mas de noite eu o meu coração sentia e muito penalizada lembrava o que se passou naquela planície queimada.

Sonhava que eu era abutre, e esse árabe estava deitado no mato, saia sangue, para quando eu movesse as minhas azas, rasgar-lhe com o bico e bater-lhe com o meu peito. Eu contava a nossa mãe estes sonhos a quem chorava por ouvir tudo isto. Ela disse-me com todo o amor:” torna a rezar, filha: Deus nosso pai compadecerá por ti.”

Até que um dia resolveram-se para me batisar. Quando chegou este dia combinaram outra vez para adiar o meu batismo, por causa do meu coração que não havia mudado.

XVI

MUDANÇA DE SUEMA

Quando negava o batismo tinha muitos pecados, pois Deus é quem me salvou nos grandes sofrimentos do corpo; e não quiz deixar-me nos mais consideráveis e torturas do meu espirito.

Em casa dos padres é um quarto muito grande donde recebem todas as pessoas que estão doentes.

E, numa certa manhã, vieram dizer a nossa mãe grande, que no quarto grande dos doentes tinha chegado um árabe ferido na luta da guerra dos Inglêss.

Era o meu dia de ir ajudar o que distribuia os medicamentos para os doentes.

Estive a tratar e fazer o meu serviço tais como os meus pequenos panos de missangas, os pano, as minhas cintas, tudo estava molhado e perto de mim.

Eu tinha levado, ia atraz da nossa mãe superior, e entrei juntamente com ela no quarto grande dos doentes.

Ai de mim! Estive presa, querendo cair!

Aquele árabe recém chegado que vi era o mesmo autor do caminho e a quem batia a minha pobre mãe quando estava preste a morrer.

Vi aquele homem que estava no mau estado. A sua cabeça tinha um ferimento de espinho, o peito estava ensanguado, tinha sido ferido com azagaia, tudo aquilo

assustou-me estive quase para deitar fora tudo que tinha nas mãos.

Não podia suportar sem dar um grito: “ Meu Deus, é o tal árabe!”

A nossa superiora mãe reparou em mim e disse com toda a compaixão: Suema, minha filha, os seus pecados sejam perdoados.

Veja bem que nosso senhor Jesus Cristo todo poderoso, que tudo pode, com pena não fez.

Sorte daqueles que tem força para fazer o bem que maldade. Se assim o fizeres Deus premeará-te um dia.

Tenhas coragem minha filha, ficarás contente!

És tu minha filha Suema que vás lavar esse doente.

Os meus olhos fixaram sobre os da nossa mãe superior, e respondi-lhe a tremer devido as palavras que me dirigiu.

Levei pano, comecei a lavar os ferimentos do doente.

No principio tinha-me custado por causa da raiva e ódio que tinha, queria ultrajá-lo, e deixar lavá-lo.

Eu estava muito satisfeita quando vi o seu mal estado de saúde.

Pouco a pouco com auxilio de Deus, ia tendo o animo, dos meus maus pensamentos e então tinha entrado na bem aventurança.

Fiquei admirada sozinha quando vi a mudança do meu coração, desde então soube que era bom ter dó e fazer o bem.

Quando acabei lavar o doente fui escondidamente a capela da nossa mãe; donde ajoelhei a presença da Virgem Santíssima e gritei em voz alta, chorando “ Ó Maria, minha mãe, tenhai dó pela pobre e desgraçada a quem entrega a sua alma com todo bom coração.”

Com essas palavras senti as lágrimas a cairem dos meus olhos.

Virei os olhos, e vi a minha bondosa mãe, que ouviu as minhas palavras de que entregava com todo o meu coração.

Ela com pena chorava e caiam lagrimas sobre mim por causa de servir bem a Deus e a Virgem Maria e porque também o meu coração tinha mudado.

Tinha uma grande satisfação e abraçou-me sobre o seu peito, como a minha mártir mãe quando lhe fiz a ultima despedida naquele deserto.

Nesse dia era Domingo.

A tarde, deu-me um bom vestido branco; momento depois antes de ser benzida pelo

Jesus Cristo na hostia, fui batizada, fiquei sendo filha de Deus.

No meu batismo deram-me outro nome que me ficou bem que o de Suema.

Eu passei todo o dia dando graça e agradecer a Deus porque me recebera bem dentro da Igreja Católica.

Eu dizia todas as vezes; como é que arranjei até receber todas as graças de Deus mais que todos os gentios!

Com esses pensamentos quiz mostrar a minha gratidão ao meu Deus, não sabia o que havia de fazer para contentá-lo!

E depois parecia-me uma palavra no intimo que dizia: “ Madalena, vivas bem, tenhas força de vontade para guiar os maus companheiros.”

Eu respondi: “ sim meu Deus, sim meu Deus, prometo cumprir a vossa presença com todo o meu coração hei-de conseguir fazer tudo. Hei-de rezar todos os dias, para tereis pena com outros desgraçados que receberam batismo, afim de mandareis os padres para irem ensina-los o caminho do céu.”

Madalena faz aquilo que prometeu cumprir.

Assim termina a sua narração.

Lourenço Marques, 10 de Agosto de 1936

José Baltazar da Costa

CURRICULUM VITAE

I. DADOS PESSOAIS

NOME : Maurício António José Tomo Pantie

FILIAÇÃO : José T. Pantie e Maria A. Madeira

DATA DE NASCIMENTO : 14 de Agosto de 1975 .

LOCAL DE NASCIMENTO: Cahora-Bassa-Songo-Tete

ESTADO CIVIL : Solteiro

NACIONALIDADE : Moçambicana

II. FORMAÇÃO ACADÉMICA

1981-1987- Ensino Primário do 1º grau- Tete

1988-1989- Ensino Primário do 2º grau- Tete

1990-1992- Ensino Secundário Geral- Tete

1993-1995- Ensino Pré-Universitário- Tete

1996-2002- Universidade Eduardo Mondlane(Licenciatura em
Linguística)

III. CONHECIMENTOS TÉCNICOS

Na avaliação curricular do curso de Linguística, nota-se que ele
proporciona ao graduado uma formação polivalente que lhe permite uma

actuação adequada às necessidades da sociedade, na sua prática profissional. O formado em Linguística estará em condições de exercer a sua profissão, na área da cultura, em organismos vocacionados para a preservação do património e a investigação.

Cursos de História da Literatura Portuguesa-1998/1999

IV. LÍNGUAS

Fluência na Língua Portuguesa Falada e Escrita

Profundos conhecimentos da Língua Inglesa Falada e Escrita

Profundos conhecimentos da Língua Changana

Domínio das Línguas Nyungwe e Sena

VI. OUTRAS INFORMAÇÕES

Conhecimentos de Informática na óptica do utilizador

(WP5.1, MSWORD, MS WINDOWS, MSEXCELL, LOTUS 123)

CONTACTO:

AV. Filipe Samuel Magaia nº 970, 3º Andar, Flat 7, Telefone nº 309264

ou 082432404 - Maputo.